

Os insultos, ou dos valores escondidos. Esboço de uma teoria das ofensas verbais

Gabriele Grossi¹

Introdução

Certo dia encontrava-me no estádio na cidade de Salvador; o jogo não era particularmente excitante e por isso pude deliciar-me com o espetáculo oferecido pelas torcidas, que pulavam, cantavam, dançavam, batucavam, incitavam e soltavam vários tipos de palavrões e insultos, cujo alvo preferencial era constituído pelo juiz e pelos jogadores mais representativos do time adversário.

O jogo de futebol é uma prática esportiva considerada eminentemente masculina na sociedade brasileira, e homens constituíam a grande maioria do público presente no estádio. Tratava-se então de um observatório privilegiado para descobrir como os homens costumam insultar-se reciprocamente em um espaço público. O estoque era relativamente amplo e primava pela fantasia e criatividade. Contudo, podia observar-se uma espécie de seqüência: algumas ofensas reapareciam constantemente, como que seguindo um padrão não escrito. O catálogo completo seria praticamente inesgotável; entretanto, entre os insultos alguns se destacavam pela recorrência e intensidade, podendo ser reconduzidos a uma categoria básica: a das ofensas de caráter sexual. Incluindo inúmeros sinônimos e variações regionais sobre o tema, as ofensas dessa categoria eram basicamente três: “corno”, “veado” e “filho da puta”. Outros termos também estavam presentes, mas sua frequência e força eram menores, remetendo a categorias morais, como “safado” e “ladrão”, ou de classe, como “miserável”².

O insulto pode ser considerado como uma atribuição de características julgadas negativas, visando à desqualificação e produção de uma identidade estigmatizada. Poderíamos definir insulto como qualquer ato, gesto ou expressão que visa desqualificar, humilhar ou ofender outro indivíduo ou grupo social. Surge então perguntas: qual é o conteúdo semântico desses termos; o que significam e nos dizem sobre a sociedade que os utiliza? Por que determinados termos designam identidades discriminadas ou desqualificadas? O que transforma um adjetivo ou um substantivo em um insulto?

Na forma de ofender o próximo parecem estar subjacentes valores e normas de uma determinada cultura, valores inscritos e institucionalizados na realidade social cotidiana através de

¹ Professor adjunto na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

² Assim como existe uma hierarquia dos códigos lingüísticos e das formas expressivas, assim tal classificação se estende as ofensas, existindo algumas mais lícitas ou agressiva do que as outras dependendo da situação da interação e do contexto social no qual acontece a troca.

práticas linguísticas e sociais. Nesse sentido, é interessante realçar como existem insultos típicos, característicos de alguns grupos sociais, enquanto existem outros que possuem uma abrangência muito maior, como no caso dos insultos que ouvimos no estádio, insultos que são compartilhados pelo gênero masculino, sem divisão de classe. Na prática social de insultar o próximo existem diferenciações internas entre os vários grupos sociais, que se articulam ao status do enunciador e ao contexto social da interação.

Os insultos constituem modalidade de classificação da realidade social e remetem a hierarquia de valores vigente numa determinada sociedade, ao sistema de classificação operante numa estrutura social. Estes sistemas são geralmente reconhecidos, mais que conhecidos, pois operam de forma oculta e inconsciente.

Existe toda uma série de características que tornam a análise dos insultos particularmente relevante numa perspectiva antropológica: os insultos não são aprendidos num processo formal, mas graças a um processo de imitação e interiorização de práticas sociais amplamente difundidas na sociedade. Poderiam ser caracterizados como um bom exemplo de determinação social, resultado de um processo de socialização não consciente que leva à incorporação de sistema de classificação e de distinções significativas que podem ser atualizados em caso de conflito, desacordo ou disputa.

Os insultos se constituem em uma relação de oposição binária aos valores: representam os desvalores. Os insultos revelam comportamentos e práticas sociais que são proibidos ou socialmente estigmatizados, nos dizem o que não se deve fazer, ou, mais radicalmente, o que não se deve ser. Colocam em relação identidades positivas e negativas, comportamentos esperados e proibidos, prescrições e proibições, permitindo assim a apreensão dos valores e normas que são dominantes em uma determinada sociedade.

Tratando-se de insultos e ofensas, situamo-nos numa área liminar, considerada perigosa, movediça, uma área que é dizível na vida cotidiana, mas se transforma em indizível num contexto de relações mais formais e acadêmicas, e, portanto, relegada a um degrau inferior na hierarquia social dos objetos de pesquisa, apesar da sua intensa utilização na vida cotidiana. Eles ocupam uma área ampla da vida cotidiana, se manifestam em caso de conflitos entre vizinhos, amigos, parentes, no trânsito, no parlamento, na universidade, nos lugares de trabalho e na sala de estar.

Apesar da ampla difusão desta prática social é difícil submeter à análise assuntos *chulos*, como se expressava uma minha aluna, manifestando a própria surpresa, misturada com uma dose de saudável indignação, ao ouvir esse tipo de pesquisa na Universidade. As ofensas parecem sujar a reputação do pesquisador assim como *mancham* a reputação das suas vítimas e em algumas ocasiões do enunciador.

Neste texto limitaremos a análise aos insultos verbais, ou seja, aquelas ofensas que são expressas de forma verbal, visando desqualificar ou humilhar; não incluiremos, portanto, insultos rituais, trocados entre amigos ou ofensas não verbais, gestos ou comportamentos considerados ofensivos e/ou obscenos³. A existência de um sistema de classificação e acusação dominantes não impede, entretanto, a constituição de modelos alternativos, nem esgota as possibilidades de resistência e crítica de grupos dominados, que se manifestam em várias ocasiões, mas que não serão incluídos nesta análise. Insultar alguém pode ser considerado uma prática social com um conteúdo cultural: um termo considerado ofensivo num determinado grupo ou cultura pode não ter sentido ou mudar seu significado numa outra. Os indivíduos não se ofendem da mesma forma em lugares e épocas diferentes, nem todos possuem o mesmo poder de ofender, dependendo da estrutura hierárquica de uma sociedade. As ofensas verbais remetem a significações que são culturalmente e socialmente situadas e, portanto, são variáveis e diferentes entre as várias culturas, remetendo a uma totalidade que as define e atribui sentido. Por exemplo, chamar alguém de macaco no Brasil assume geralmente a conotação de uma ofensa de tipo racial, enquanto na Coreia o mesmo termo visa ressaltar as qualidades intelectuais de um indivíduo, pois no código cultural coreano os macacos representam a esperteza e a inteligência.

Insultos de caráter sexual

Começamos então analisando os insultos que ouvimos expressos com tanta paixão no calor da disputa agônica: corno, filho da puta, veado. Esses termos possuem uma forte caracterização sexual, e seu uso, pelo menos no que podemos observar no estádio, entendia expressar uma profunda ameaça à honra masculina do juiz. Apesar do seu uso comum num estádio repleto de mais de trinta mil pessoas o termo “corno” não merece nenhum verbete por parte do clássico dicionário Aurélio. Sorte melhor não é reservada aos termos “veado” e “puta”, ambos expulsos do nobre espaço da cultura acadêmica e relegados ao espaço das práticas sociais, provavelmente devido à marginalidade que tais palavras ocupam na hierarquia dos códigos lingüísticos vigentes no Brasil.

Voltemos então a uma tentativa de análise semântica: qual é o campo de significação de “corno”? Qual a origem dessa ameaça à honra masculina que tal epíteto parece provocar?

O corno poderia ser definido como o homem que é ou foi traído pela mulher. A utilização do passado e do presente, “é” ou “foi”, é necessária, pois uma vez classificado como corno esta

³ Uma análise das diferenças culturais em relação aos gestos (gestures) considerados ofensivos é apresentada por Flynn (1977). Nesse artigo não incluímos os insultos que podem ser caracterizados como relações de brincadeira (Radcliffe-Brown, 1989) e que expressam relações de intimidade e cordialidade, é o caso de dois amigos que por expressar intimidade se cumprimentam ritualmente ofendendo-se “e aí viado, todo bem?” “tudo bem, filho da puta!”. Nesse caso quanto maior o teor da ofensa maior será o grau de intimidade expresso na relação social.

qualidade é incorporada à essência. Não existe corno no passado, “corno é sempre corno”; como dizia um amigo, não existe ex-corno. Temos assim uma conotação que se enraíza no passado, mas que engloba o presente e se estende ao futuro da vítima.

A ofensa “corno” é dirigida ao homem, mas não é devido a alguma atitude ou prática que ele exerce e de quem possa ser considerado responsável, a não ser de forma indireta. Um homem é considerado corno por causa do comportamento da própria esposa, mulher, namorada. O homem, no entanto, é considerado neste caso, e para todos os efeitos, o único responsável do comportamento alheio. O homem é atingido na sua honra masculina, não pelo seu próprio comportamento, mas como responsável do comportamento do outro. Então para qual tipo de relação social entre o homem corno e sua mulher aponta este insulto?

Neste caso a vítima da ação exercida pelo outro se transforma em culpado⁴; se for traído ele é considerado co-responsável ou até o único responsável. Isso pode aparecer estranho: em outros âmbitos sociais os traidores são expostos à execração pública, mas isso não acontece com os traídos. Se um soldado trai a pátria, se um jogador de futebol trai seu time, se um amigo trai seu próprio grupo, todos eles serão condenados pela moral vigente. Os traidores serão considerados responsáveis de um ato extremamente grave e moralmente reprovável, mas nenhuma responsabilidade será atribuída às vítimas da traição. De onde provem então esta chamada de co-responsabilidade?

Esta responsabilidade é ligada a duas acusações implícitas, que remetem em discussão o papel social e sexual do “corno”: ou ele “não dá conta”, ou seja, não consegue satisfazer sexualmente a própria mulher, admitindo implicitamente uma embaraçosa falta de virilidade, ou, então e igualmente grave, ele não consegue controlar adequadamente a mulher, revelando assim uma embaraçosa falta de poder sobre ela. A incapacidade de exercer o controle social sobre a própria mulher revela uma falta de poder, outra expressão claramente associada à noção de “virilidade”. Ou seja, o corno carece de virilidade, de poder ou de ambos, pois ambos têm conotações parecidas no universo semântico brasileiro. Se ele não possui esses *atributos*, outra metáfora masculina, logo ele não poderá ser considerado um verdadeiro homem, não estará apto a desempenhar adequadamente o papel masculino, exercendo seu poder de controle social e sexual, num caso, ou manifestando ativamente sua virilidade, no outro.

Na relação homem-mulher aparece então um pólo que controla, exerce o poder e a virilidade e outro pólo que deverá ser controlado, sobre o qual se deve exercer o poder e a virilidade. Um pólo ativo e um pólo passivo. Nessa perspectiva a mulher, a namorada, ou esposa devem ser

⁴ Temos certeza que após esta análise varias duvidas serão levantada sobre a nossa “honra masculina”, como deter-se sobre este assunto se não após uma experiência de campo?

constantemente controladas, fiscalizadas, dominadas. Assim, o homem anuncia publicamente sua virilidade ou manifesta seu poder de controle masculino sobre o corpo feminino, permanecendo, entretanto permanentemente exposto à ameaça da perder a própria reputação.

Vamos analisar o outro insulto recorrente, “filho da puta”, às vezes transformado no mais tênue e diplomático “filho da mãe”. Parece que encontramos uma lógica simbólica parecida com aquela do corno. Também nesse caso o objeto de reprovação não é diretamente o homem ou seu comportamento, mas a própria mãe. Por definição uma puta é uma mulher que tem relações sexuais em troca de dinheiro, ou, de uma forma mais ampla, é uma mulher promíscua ou que tem relações sexuais com uma grande quantidade de homens diferentes. Aqui também o que se pretende é ofender a honra do juiz, ou qualquer homem, através do comportamento sexual da mãe. Esta mulher é a mulher mais próxima, com a qual subsistem relações de consangüinidade, e representa um dos valores mais sagrados no contexto brasileiro e latino em geral. Mais uma vez as relações sexuais são campo de imputação. Assim como no caso anterior, a honra masculina é claramente ligada à sexualidade feminina, reafirmando a necessidade de seu controle e regulamentação.

Instaura-se assim uma lógica circular entre esses termos de natureza familiar, pois o filho da puta pode ser também o filho do corno, o homem acusado de não saber exercer um controle adequado sobre a própria esposa. Na outra possibilidade lógica, o pai é um cliente, pagou a mãe, e portanto o filho se torna um *bastardo*, filho de uma relação ilegítima.

Teríamos a seguinte tabela em que parece evidente como esses insultos falam a respeito do comportamento sexual feminino de membros da família.

INSULTO	CONTEÚDO
Filho da puta	Comportamento sexual da <i>mãe</i>
Corno	Comportamento sexual da <i>esposa/namorada</i>

Podemos observar como esses tipos de insultos focalizam relações entre papéis familiares, mãe-filho, esposa-esposo. A família é o valor colocado em questão, e o que se pretende criticar é o comportamento sexual ameaçador de seus membros femininos.

A família, ou pelo menos um determinado modelo dela, é a instituição que se visa salvar, estabelecendo uma íntima conexão entre a honra e a reputação masculina e o comportamento sexual da própria mãe ou esposa⁵. A família se constitui a partir de relações de

⁵ É interessante reparar numa perspectiva comparada como na Itália existe uma ofensa, muito difundida na região de Nápoles, que inclui a irmã nesse tipo de relação perigosa “a fessa de sora-te”, que poderia ser traduzida como “a xota de tua irmã”, que expressa de forma nitida o foco de possível contágio simbólico à honra masculina.

consangüinidade e de afinidade. Analisando as relações de consangüinidade, a mãe representa os ascendentes femininos, mas faltam as colaterais e as descendentes: irmã e filhas. Elas também podem ser incluídas na mesma lógica social, tornando-se objetos de possíveis insultos e de controle social. O comportamento sexual da própria filha ou irmã é uma preocupação constante da honra de pais e irmãos. Desse modo, completa-se o círculo das ofensas que envolvem todas as mulheres que possuem estreita relação de parentesco ou aliança com um homem: a mãe, a irmã, a esposa e a filha.

O homem será então atingido na sua honra masculina primariamente através do comportamento sexual dessas mulheres, afins e consangüíneas, cujo valor simbólico desponta em toda sua relevância.

Mas o comportamento sexual masculino é também objeto de um controle, embora de outra natureza. As relações sexuais masculinas, promíscuas ou extraconjugais, não serão nunca consideradas um ameaça à honra familiar. Única exceção será constituída por um comportamento sexual classificado como depravado ou anormal, o comportamento sexual do veado, que mantém relações homossexuais. O veado é aquele que na relação sexual desempenha um papel “passivo”, abdicando das prerrogativas da masculinidade “ativa”, potente e viril. Conforme a esta lógica, em alguns grupos o homem que desempenha um papel sexual ativo, então masculino, apelidado de “bofe”, não será considerado homossexual. O veado é aquele que, nascendo homem se comporta sexualmente como uma mulher, sendo comido no lugar de comer (daMatta, 1997), transgredindo a fronteira que delimita os papéis sexuais ativos daquele passivo, operando assim uma perigosa confusão simbólica, que constitui uma insidiosa ameaça à ordenação simbólica da sociedade brasileira. Ele é o homem que não possui nenhuma honra, mas representa seu contrário, “o sem vergonha”, que causa vergonha a sua família.

O ditado “melhor um filho ladrão do que veado” confirma esta relação, instaurando, ao mesmo tempo, uma relação hierárquica entre valores. O ladrão opera uma transgressão às normas sociais, mas permanece macho, homem, exercendo sua virilidade e poder e não colocando em discussão as distinções de gênero e o modelo familiar que nesta distinção se fundamenta.

INSULTO	CONTEÚDO
Corno	Comportamento sexual da esposa/namorada
Filho da puta	Comportamento sexual da mãe
Veado	Comporta-se sexualmente <i>como</i> uma mulher

Se a construção da realidade social é sempre relacional, para compreender adequadamente a lógica subjacente aos insultos temos que estabelecer uma correlação entre ofensas dirigidas aos homens e aquelas dirigidas às mulheres.

A natureza desses insultos, de fundo sexual, aparece com mais clareza se tentamos utilizá-los no feminino, e podemos facilmente verificar que desta forma eles perdem totalmente sua capacidade de significação, tornando-se inutilizáveis. Não existe corna, nem filha da puta. No feminino existe só a puta e seus inúmeros sinônimos. Não existe uma correspondência feminina a nível semântico desses insultos, que podem ser utilizados somente na forma masculina.

INSULTO MASCULINO	INSULTO FEMININO
Corno	Corna (inexistente)
Filho da puta	Filha da puta (não utilizado, substituído por puta).
Veado	Sapatona

A única exceção é constituída pelo termo “sapatona”, correspondente feminino de “veado”. Este insulto é, porém, utilizado em contextos diferentes e com uma intensidade bem menor. Aqui também o termo aponta para uma confusão dos papéis sexuais e sociais: a lésbica seria aquela que usa os grandes sapatos, *sapatona*, prerrogativa do mundo masculino, subvertendo assim a ordem moral. Os sapatos masculinos, assim como a calça, signo distintivo do homem e de seu poder, são exclusivos do homem, como bem expressa o espanto de quem se ouve o ditado “naquela casa é a mulher que usa as calça”. E os sapatos grandes, acrescentaríamos.

Encontramo-no assim diante de uma sorte de assimetria lingüística, reflexo de uma assimetria nas relações de poder, pois as ofensas que os homens endereçam às mulheres não possuem uma correspondência, confirmando indiretamente essa relação de dominação. Às mulheres faltam insultos para ofender os homens, a não ser recorrendo a uma lógica masculina, que as relega a uma posição subalterna. Uma mulher não pode ofender outra mulher chamando-a de corno, pois as relações que sustentam e conotam a masculinidade não podem ser aplicadas a uma mulher, que será relegada ao termo puta. Esta lógica se revela mais claramente se analisarmos insultos que provêm do mundo animal⁶, e podemos citar a título de exemplo “vaca” e “galinha”, cujos

⁶ Para um aprofundamento ver o artigo de Leach “Aspectos antropológicos da linguagem: categorias animais e insulto verbal”.

correspondentes no mundo masculino deveriam ser touro e galo. Logo, podemos perceber certa assimetria nas conotações das duas classes de epítetos.

INSULTO FEMININO	CORRESPONDENTE MASCULINO
vaca	touro
galinha	galo

Enquanto os epítetos endereçados as mulheres são considerados ofensivos, pois remetem à idéia de promiscuidade sexual, os do lado esquerdo são considerados elogios, remetendo a mesma a idéia de promiscuidade sexual, mas com uma conotação positiva, pois associada à idéia de virilidade, de força, de domínio e potência masculina. O mesmo tipo de comportamento sexual é portanto classificado de forma oposta, dependendo do sexo do agente social, sendo considerado negativo se feminino, e positivo se masculino.

Dessa forma, às mulheres são negadas, a nível simbólico, as possibilidade de ofender ou responder a insultos, a não ser reentrando na lógica de classificação masculina, das ofensas, servindo-se dos termos citados anteriormente, como filho da puta e corno, que permitem atingir a honra do homem, mas ofendendo uma mulher que lhe é próxima.

Chamando o homem de corno as mulheres estão criticando o comportamento da mulher ao lado deste homem e questionando o poder de controle masculino, ou seja, estão instigando-o ou desafiando-o a manifestar ou exercer este poder. A estrutura social brasileira, constituída historicamente, oculta assim relações de força objetivas, que definem e limitam as possibilidades do conflito entre gêneros, delimitando o campo de possibilidade lingüística e semântica disponíveis para os agentes sociais e colocando as mulheres numa situação de inferioridade simbólica.

Insultos étnicos e geográficos

Essas assimetrias lingüísticas, no que concerne à capacidade e a possibilidade de ofender se manifestam em outros contextos, revelando a hierarquia social e as relações de dominação simbólica que foram se estruturando historicamente. Indivíduos que moram no interior do Brasil, em áreas consideradas subdesenvolvidas, longe da civilização, afastados do refinamento das grandes cidades podem ser apelidados de matutu, caipira, tabaréu.

Nesse caso também não existe nenhuma palavra correspondente que possa designar de forma pejorativa os habitantes dos grandes centros urbanos, a não ser recorrendo a outra categoria

de insultos. Somente o silêncio parece ser possível diante das agressões verbais dos portadores da civilização, os urbanos. Recorrendo ao dicionário veremos que a urbanidade é citada como a “qualidade do urbano, ou seja, cortesia e civilidade”. Parece tarefa difícil conseguir desqualificar ou atingir a honra de portadores de tais distintas qualidades. Esta hierarquia social parece rigidamente constituída e se encontra vigente em todo o Brasil. Neste sistema de classificação, aos representantes do processo de civilização, são contrapostos os incultos, aqueles que moram no mato e portanto não sabem se comportar, matutos, e que portanto são mais próximos dos animais do que dos humanos urbanizados.

A profunda influência de processos socioeconômicos na elaboração dos sistema de classificação dominantes encontra um ulterior exemplo se analisarmos as conseqüências provocadas pelo acelerado processo de industrialização que aconteceu no Brasil a partir da década de 1930, gerando uma serie de ondas migratórias, que saiam do Nordeste em direção às grandes cidades do Sudeste.

Os nordestinos constituíam a maioria da mão-de-obra barata e não qualificada da indústria, desenvolvendo as piores atividades e morando em condições precárias nas imensas periferias⁷. Vários termos de denominação regional, utilizados para referir-se a este grupos de imigrantes, assumiram uma conotação negativa, podendo ser utilizados como insultos. Nordestino, paraíba ou baiano foram associados a ignorante, preguiçoso, estúpido, mal-educado, pouco apto a vida civilizada. O termo baiano se desdobrou, sendo utilizado até para definir ações erradas, estúpidas: baianada.

Manifesta-se assim o conflito sócioeconômico entre cidade e campo, entre Nordeste e Sudeste do Brasil: as diferenças na concentração de poder político, econômico e cultural se cristalizam no vocabulário, armazenados em termos que penetram na linguagem comum, cotidiana. Quanto mais próximo do poder, seja ele econômico, político ou cultural, mais próximo do modelo de humanidade.

Os deslocamentos geográficos do poder são acompanhados de deslocamentos semânticos, novos sistemas de classificação são produzidos e naturalizados, tornando-se óbvios e inquestionáveis. Apesar da sua força inercial e de modalidade de transmissão não conscientes, pois enraizadas na linguagem, eles estão sujeitos a transformações históricas.

Já houve época na qual os baianos eram considerados os habitantes mais civilizados do Brasil e não os mais preguiçosos. Trata-se do Brasil colônia, a época quando Salvador era a capital

⁷ A mesma modalidade de ofender a partir de termos regionais, e sempre seguindo a lógica da concentração do poder, se encontra em outros países. Na Italia por exemplo os moradores do sul, região prevalentemente agrícola, são ofendidos, apelidos de “terroni”, ou seja moradores da terra, sendo considerado menos civilizados, educados, perfumados dos seus vizinhos que moram no Norte, numa area intensamente industrializadas.

do Brasil, sede do poder político e eclesiástico. Nessa época, como nos lembra Gilberto Freire, “era como se fosse Salvador a única região civilizada, urbana, polida, do Brasil; e o mais,, mato rústico” (Freire, 1936: 369). Ou seja, os baianos civilizados e o resto do Brasil povoado por matutos.

Os gaúchos reagiram a esta supervalorização dos baianos e de seu modelo de vida urbana ressaltando como eles ignoravam a arte máscula da cavalaria. Ser baiano “era ser excessivamente civilizado, quase efeminado”. Mas, séculos mais tarde, os ricos e refinados moradores de Pelotas, com suas maneiras excessivamente polidas, aprendidas durante suas viagens à Europa, se tornaram vítima do mesmo estigma: eram excessivamente civilizados, excessivamente efeminados. Ou seja, gays. A difusão de piadas e brincadeiras sobre os habitantes da região se alastrou para todo o Brasil.

Estariamos então na presença de diversos centros de poder que produziriam sistemas de classificações que representariam diferentes etapas de civilização humana. Relações de poder se transformariam em relações de sentidos.

INSULTO	CORRESPONDENTE
Tabaréu	?
Matutu	?
Caipira	?

INSULTO	CORRESPONDENTE
Nordestino	?
Paraíba	?
Baiano ou fazer uma baianada	?

Insultos raciais

Outro conflito que marca a vida social no Brasil é aquele racial e, como nos casos anteriores, encontra sua expressão em uma série de ofensas específicas e amplamente difundidas. Este tipo de ofensa parece concentrar-se em supostas características físicas e morais, que distinguiriam os membros da “raça” negra. Nesse sentido, nada de mais poderoso e difundido que “cabelo ruim”. Numa pesquisa efetuada com alunos de primeiro semestre de vários cursos, a grande maioria afirmou a existência do cabelo ruim. Isso mostra a relevância e a força de conceitos lingüísticos que encontramos presentes na vida social, ou parafraseando Wittgenstein (1982)s podemos afirmar que toda uma mitologia é contida em nossa linguagem. A força das relações de poder se manifesta

assim poderosamente, transformando termos descritivos de tipo de cabelo, liso-crespo, em julgamento de valores: ruim-bom.

Na linguagem encontramos elementos que se analisados num nível semântico poderiam ser considerados como descritivos e que, no entanto, na dimensão pragmática da interação social explicitam uma poderosa carga de diferenciação social. É no processo de socialização primária que a criança aprende significado e utilização das palavras, assim como suas referências empíricas. A aprendizagem e a transmissão de uma língua não se operam no vazio institucional, mas é resultado de uma constante interação e inter-relação de tipo pragmático. Significado e referência não se aprendem de forma abstrata, consultando o dicionário, mas como apontava Wittgenstein (1994: 38), “o significado de uma palavra é seu uso na linguagem”.

É nas práticas lingüísticas cotidianas que a criança aprende o significado e a referência de adjetivos como fino, elegante, bonito e dos seus relativos opostos, mesmo que esses termos nunca sejam explicitamente tematizados. E os elogios manifestam uma intrínseca relação com as ofensas, constituindo uma relação de oposição binária. A partir desta relação de oposição binária podemos aprender como existem elogios que, num nível pragmático, escondem uma carga discriminatória. A utilização do adjetivo *fino*, por exemplo, com suas conotações de nobreza e elegância, nos discursos é empregado também para definir determinados traços de rostos. Rostos de indivíduos de feições européias. Entre os meus estudantes um dos nomes mais citados para exemplificar traços “finos” do rosto foram Xuxa e Angélica, entretanto nenhum negro foi citado. Saussure sustentava que as relações paradigmáticas, de oposição, se dão *in absentia* e o significado dos termos utilizados é determinado por aqueles que não utilizamos, por isso o não dito assume uma relevância fundamental para a compreensão do dito. Se os europeus possuem então traços finos ou negros possuiriam, indizível, traços grosseiros. Seguindo a mesma lógica, uma minha amiga afrodescendente casada com um europeu branco, foi elogiada por possuir a “barriga limpa”, ou seja, por ter parido um filho de cor mais clara. Se mães que dão à luz filhos de pele mais clara são considerada de barriga limpa, o que acontecerá com mãe que geram filhos da mesma cor ou de uma cor mais escura ?

INSULTO	ELOGIO
Indizível (Traços grosseiros)	Traços finos
Indizível (Mulher de barriga suja)	Mulher de barriga limpa

Não apenas os traços físicos são elementos utilizados no jogo de distinção social mas até os odores são objeto de classificação que assumem conotações raciais. O suor de negro seria então

essencialmente diferente daquele do homem branco, possuindo uma outra natureza que o tornaria insuportável ao olfato. Bodum é o termo que pode ser utilizado para referir-se ao cheiro do corpo do negro, um cheiro que no dicionário indica o cheiro fétido de bode, remetendo mais uma vez à concepção de uma animalidade não domesticada e não domesticável, um cheiro impenetrável ao perfume da civilização. O cheiro de uma “raça” inferior.

Conclusão

A língua pode ser considerada como um depósito das relações históricas de dominação vigente numa determinada sociedade, resultados de lutas e conflitos, que criam léxicos, metáforas, sistemas de classificações, insultos, possuindo uma força inercial que as prolonga no tempo. A língua não é composta somente de um sistema lexical e de um conjunto de regras gramaticais, como sustentado por algumas teorias objetivistas da linguagem, mas é o resultado de uma luta pela conquista do poder simbólico, um poder que visa impor uma visão e uma divisão do mundo social (Bourdieu, 1982), instituindo sistemas de classificações específicos que produzem distinções socialmente significativas. Usando uma língua se opera então um recorte da realidade social, produzindo uma série de distinções significativas, socialmente inculcadas no processo de socialização primária, incorporadas de forma não consciente e logo naturalizadas. No mundo social, organizado a partir de distinções e oposições significativas, as palavras produzem e justificam a realidade, criando um consenso sobre o sentido das coisas, que se torna senso comum, naturalizando os resultados de uma luta pelo poder de ordenar, classificar e dividir. Estas distinções linguisticamente significativa, que ativam esquema de pensamento, percepção e ação são antes de tudo resultados de distinções socialmente significativas, e, como nos casos apresentados, abrangem relações de gênero, raça, classe.

Nesta breve análise dos insultos utilizados mais frequentemente no Brasil podemos observar como homens se ofendem ofendendo as mulheres, mulheres ofendem utilizando formas verbais que na sua maioria ofendem outras mulheres, matutos e nordestinos não possuem palavras para se defender, assim como limitadas são as formas de defesa lingüística dos negros. A língua se constitui historicamente de tal forma que determinados tipo de insultos afetam somente determinadas categorias, que por sua vez não possuem termos ofensivos considerados pertinentes pelos sistemas de classificação dominantes. Esses sistemas visam colocar e manter determinados grupos sociais, mulheres, negros, e nordestinos numa posição de inferioridade nas interações sociais da vida cotidiana. Essas interações remetem a um nível oculto mas determinante, das estruturas social, que definem o horizonte de possibilidade, ao mesmo tempo social e lingüística, dos agentes

sociais. Trata-se de relações objetivas constituídas historicamente, relações de poder e de sentidos que não são percebidas, mas que definem a estrutura social no interior da qual a interação acontece. A estrutura social define portanto as condições de possibilidade de comportamento lingüístico, determinando a natureza, a intensidade, a pertinência e o valor de cada ofensa e as possibilidade ou impossibilidade de sua resposta, dependendo da posição ocupada pelos agentes sociais em relação ao gênero, classe e raça.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, P. (1982). *Ce que parler veut dire*. Paris: Fayard.
- DAMATTA, R. (1997). *O que faz o Brasil, Brasil.?* Rio de Janeiro: Rocco.
- DURANTI, A. (1997). *Linguistic Anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- FREYRE, G. (1936). *Sobrados e Mocambos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- GOFFMAN, E. (1963). *Stigma: notes on the management of spoiled identity*. New York: Simon & Schuster.
- GUIMARÃES, A. S. (1998). *Preconceito e discriminação: queixas de ofensas e tratamento desigual dos negros no Brasil*. Estudos afro-asiáticos, n. 38, Rio de Janeiro, dez. 2000.
- HASENBALG, C. (1979). *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal.
- LABOV, W. (1972). "Rules for ritual insults". In: *Studies of social interaction*. New York: Free Press, p. 120-69.
- LEACH, Edmund (1983). "Aspectos antropológicos da linguagem: categorias animais e insulto verbal". In: da MATTA, Roberto (org). *Edmund Leach. Coleção grandes cientistas sociais*. São Paulo: Ática, p. 170-98.
- LYNN, Charles (1977). *Insult and society: patterns of comparative interaction*. Port Washington / New York: Kennikat Press.
- RADCLIFFE-BROWN, A.R. (1989). Apontamento sobre as relações de brincadeira. In: *Estrutura e Função nas sociedades primitivas*. Lisboa: edições 70;
- SAUSSURE, F. (2000). *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix.
- WITTGENSTEIN, L. (1982). *Remarques sur le Rameau d'Or de Frazer*. Paris : L'age de l'homme.
- WITTGENSTEIN, L. (1994). *Investigações Filosóficas*. Petrópolis: Vozes.